

An abstract graphic consisting of several overlapping, flowing pink ribbons that create a sense of movement and depth against a dark background. The ribbons appear to be made of a glossy material, reflecting light and creating highlights and shadows.

ESEG

investigação

Homenagem a Cameira Serra

ESEG INVESTIGAÇÃO

**Revista Científica
da
Escola Superior de Educação da Guarda**

N.º 7 | Julho | 2008

Título: ESEG Investigação

Revista Científica da Escola Superior de Educação da Guarda

Edição Especial Homenagem a Carneira Serra

Coordenação Editorial: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Coordenador Científico: Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Comissão Científica: Professores Coordenadores e Doutores da ESEG

Coordenação Gráfica: Maria de Fátima Bartolomeu da Cruz Gonçalves

Edição: Escola Superior de Educação da Guarda

Capa: Humberto Pinto

Nota Biográfica: Isabel Augusto

Tipografia: Marques & Pereira (Guarda)

Depósito Legal: 220917/04

ISSN: 1646-1193

Tiragem: 2000 exemplares

1ª Edição: Julho | 2008

Escola Superior de Educação da Guarda

Av. Dr. Francisco Sá Carneiro, n.º 50 * 6300-559 Guarda * Telefone: 271 220 135 * Fax: 271 222 325 * www.eseg.pt

Os artigos são da responsabilidade dos respectivos autores e são apresentados exactamente como foram entregues na redacção.

Reservados todos os direitos. Esta publicação, não pode ser reproduzida ou transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo, electrónico, mecânico, fotocópia, gravação ou outros, sem autorização do Editor.

Os artigos que compõem este número da *ESEG-Investigação* constituem uma merecida homenagem da Escola Superior de Educação da Guarda ao Doutor Mário Cameira Serra, pela sua longa carreira profissional, em grande medida dedicada a esta escola.

Uma instituição é sempre o reflexo das pessoas que a compõem, por isso esta homenagem é um tributo não só pelo seu vasto *curriculum*, mas também pela marca indelével que, como docente, investigador e, acima de tudo, como Homem deixa na memória dos que com ele compartilharam e ainda partilham experiências e saberes.

Como docente são poucas as palavras para distinguir a forma exemplar como transmitiu aos discentes os seus preceitos; como dirigiu o Departamento de Ciências do Desporto e Educação Física; como presidiu aos órgãos de gestão, nomeadamente ao Conselho Científico e à Assembleia de Representantes; como colaborou na coordenação científico-pedagógica de vários projectos da escola.

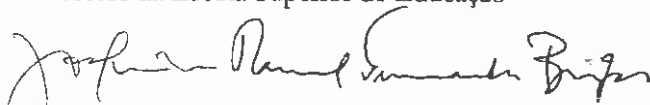
Como investigador realça-se a constante pesquisa para não deixar morrer as tradições beirãs e transmiti-las às novas gerações, figurando no grupo dos ilustres especialistas do distrito, do país e até internacionalmente, na área da antropologia do lúdico.

Afável no trato, respeitador no relacionamento com os colegas, alunos e funcionários, o Doutor Cameira Serra sempre se destacou pela sua capacidade de ouvir.

Com esta edição, fruto da estima, do afecto e da admiração de antigos alunos,

colegas e amigos, a ESEG presta uma justíssima homenagem ao Doutor Mário Cameira Serra.

Director da Escola Superior de Educação



Joaquim Manuel Fernandes Brigas

Homenagem ao mestre e investigador

Na vida há coisas que se fazem com grande prazer. É um sentimento de gosto que sinto ao fazer a apresentação do professor Doutor Cameira Serra, e dar o testemunho que me pedem.

Tendo limitação de espaço focarei somente aspectos mais salientes sobre o mestre e a pessoa. Como mestre, o Prof. Cameira Serra deu testemunho destas características. É, antes de mais, o sábio, com um saber profundo, alargado. É um saber que é saborear, como a palavra diz. Um saber que é vivência interior a irradiar para o mundo que rodeia. Esta transmissão faz-se propondo conteúdos, abrindo caminhos, indicando tarefas, rasgando horizontes. A sua acção educativa valoriza a interpelação dos discípulos com uma inesgotável expressividade e encantamento. Subindo, todos convergem.

Deste modo o mestre, mais do que transmitir o sabido, procura formar o pensamento pela reflexão, pela estruturação dos modos de ver e de estar, pela descoberta do novo e do desconhecido, pela confiança e esperança, pela valorização do outro.

Esta procura de estruturantes formas de pensar leva o mestre a dinamizar as pessoas e as suas circunstâncias. O verdadeiro professor desfaz barreiras, quebra isolamentos, recusa ignorâncias.

Por todas estas razões, o Prof. Cameira Serra não partiu, continua presente no Departamento que dirigiu e que continua com grande vitalidade. Continua na realização dos seus antigos alunos.

Mas o mestre vale sobretudo pela vida que vive e que se mostra responsável, criativa e dialogante.

A responsabilidade revela-se no modo como dirigiu outros docentes, na forma

sábia com que presidiu ao Conselho Científico, na verdade das suas proposições científicas. Juntemos a tudo isto o seu espírito criativo, numa constante procura do novo, do desconhecido.

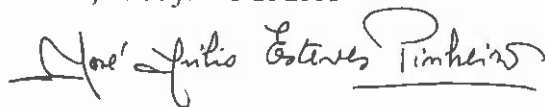
O Prof. Cameira Serra é um homem da abertura, da modernidade. Uma outra característica é a sua capacidade de dialogar com outros saberes, outras visões. Há nele a alteridade, esta capacidade de ir para os outros, sabendo escutar e receber.

Tudo isto exigia que a pessoa estivesse presente, numa atitude existencial transfigurante, numa permanente ligação ao mundo.

Sendo simples era profundo, sendo dialogante era amante do silêncio, sendo imaginativo conservava a força da terra.

Afinal, agora noto que ao escrever este breve testemunho não sou eu, mas a voz de muitos colegas e amigos que lhe desejam as melhores felicidades.

Guarda, 26 de Junho de 2008

A handwritten signature in black ink, reading "José Júlio Esteves Pinheiro". The signature is written in a cursive style with a horizontal line underneath the name.

Júlio Pinheiro

Festejos da Páscoa em Amoreira (finais da primeira metade do séc. XIX)

Carlos Berrincha

O “*Livro de Inventário dos bens...*” da igreja da Amoreira (Castelo Mendo / Almeida), contem nas suas últimas folhas, uma espécie de Suplemento, sem nome, que convencionámos apelidar de “*Livro de Obras e Empreitadas*”, uma vez que é sobretudo disso que trata, referente aos anos de 1835 a 1851. Todo ele é da autoria do Abade José António Pereira Monteiro. O referido Abade começara este seu livro do seguinte modo: “*Convindo muito o constar a todo o tempo, as obras que se fazem, e seu custo, podendo este ather servir de governo para ajustes, etc., tenciono hir descrevendo neste livro as que se forem fazendo na Igr.a e Capellas*”. E, logo de seguida, acrescenta: “*muito desejaria, que os meus R.dos sucessores, julgando acertado, vão continuando a descrever o que forem fazendo no seu tempo...*” Infelizmente, não teve continuidade. Dizemos “*infelizmente*”, porque os seus sucessores não aceitaram o desafio, foi ele o único “*autor*” no “*seu*” livro. O livro terminou com a sua morte.

Considerando os seus relatos “*pertinentes*”, no que concerne à cultura e história local, e o seu estilo “*interessante*”, tendo em conta, sobretudo, o seu extraordinário “*poder de observação*” e alto “*nível de descrição*”, *sentimo-nos na obrigação de os expor publicamente, o que abaixo passaremos a fazer.*

No referente à Igreja, aí se afirma que até então, “*por falta de lux na Igr.a, para se celebrar ou fazer qualquer exercício, sempre se abrirão as portas, não só lateral, mas a principal, o que não só bera encomodador, mas a tornava muito fria; por estas razoes, em Dezembro de 1835 (...), se abrirão as duas frestas lateraes...*”. A obra, paga pela Confraria do Senhor, importou em 60#800 (réis).

Ficamos ainda a saber que em 1836 se mandou vir de Guimarães uma chave

de prata dourada para o Sacrário, a fim de substituir a existente que “*hera de ferro, e muito ferrujenta*”, e que custou 3#090.

No mesmo ano (1836) também os Mordomos da Confraria do Senhor mandaram “*dealbar*” (pintar de branco) a igreja e a torre.

No ano de 1839, o devoto José Valério mandou fazer o Nicho da Senhora das Necessidades, onde, de imediato, foi colocada, pois encontrava-se no altar de S. Bartolomeu. E, no ano de 1843, mandou o mesmo devoto vir de Braga uma Imagem de Nossa Senhora da Boa Morte, que pagou à sua custa, tendo importado em 14#315.

No respeitante às Confrarias/Irmandades existentes, é-nos dado saber que os “*Mordomos de N. Senhora do Rozário*” haviam comprado, já no ano de 1840, quatro “*castiçais de latão amarelo*”, que custaram 3#600, e que, nesse mesmo ano, haviam os mesmos mordomos mandado fazer “*hu Frontal de Damasco branco...*”, que custara 11#200. Em 1842, também, os Mordomos de São Bartolomeu terão mandado fazer “*um pano para o esquive*” que lhes custara onze mil, setecentos e cinquenta réis¹ e que no ano de 1846, os então Mordomos deste mesmo Santo, ou seja, da (Confraria)Irmandade de São Bartolomeu, compraram 13 novas véstias, nomeadamente de cor roxa, que importaram em vinte mil, seiscentos e trinta réis².

No ano de 1849, os Mordomos da referida Irmandade de São Bartolomeu compraram para o altar de seu patrono “*hum (pano) Frontal*” de damasco branco, “*agaloado d’ouro*”, sobre o qual, infelizmente, o acima referido “*Inventário*” omite o custo³. Ainda, no respeitante a esta Irmandade, a inclusão posterior da data de 1850 (8 de Março) no, ainda hoje existente, (re)criado e (re)aprovado texto de

1 - *idem*, f. 51v.

2 - “*No mesmo ano de 1846 compração os Mordomos de S. Bartholomeu 13 vestias roxas que importarão em 20#630*”. *Idem*, f. 53.

3 - *idem*, f. 54.

1701/2 dos seus Estatutos⁴, - “ab *initio*”, remontantes a 1640 -, confirma a mais que evidente intenção de reabilitação daquela, por aqueles anos⁵.

No referente às Capelas, no ano de 1836, mandara o devoto Manuel de Pínzio “*colar hua cruz no frontispício da capela de S. Fabião*”.

Nesse mesmo ano, achando-se a capela de S.ta Bárbara em total abandono, - “*servindo athe de aprisco aos animais*”, tendo-se pedido esmola por toda a paróquia, foi “*rebocada*” por dentro e por fora. Foi-lhe posta uma cruz no frontispício, concertado o telhado, a porta, o altar, a mesa de credencias, a estante do Missal, tudo por 19#200. A 29 de Junho foi solenemente, de novo, benzida e nela se celebrou a primeira Missa após ser renovada.

Em 1843 voltou-se a concertar o telhado e paredes da referida capela de S.ta Bárbara, o que também se fez com esmolos, tendo-se gasto 12#000.

Pelo que observámos, demo-nos conta de uma certa renovação na Paróquia, a partir do ano 1832/5. O novo Abade, José António Pereira, terá sido o seu grande impulsionador e os mordomos terão, efectivamente, colaborado com ele. E ao que parece, pretendeu-se através de uma renovação material, uma outra, mais de cariz humano - espiritual. Embora, esta tenha sido condicionada, pelas mais diversas e adversas circunstâncias, sobretudo climatéricas - o que, uma vez mais comprova, tratar-se de uma terra fria. A descrição da seguinte festa religiosa é, em nosso entender, obviamente, disso exemplo. Começa assim:

“*No () ano de 1843, sendo Mordomos do Senhor, José Valério Monteiro e António Joaquim de Carvalho, mandarão vir a devotíssima Imagem de N. Senhor das Misericórdias. Esta Imagem, bem como a de N. Senhora da Boa Morte forão feitas na cidade de Braga, por*

4 - Vide *Estatutos da Irmandade (e Confraria) de São Bartolomeu da Amoreira (Castelo Mendo) de 1701/2 (1640)*, f. 2.

5 - Em 1870, terá acontecido algo de semelhante. Vide *ibidem*, f. 17v. Contudo, pelo ano de 1880, terá aquela Irmandade (Confraria) sido substituída pela *Irmandade der São José*, embora com idênticos fins. Vide (Livro de Vezitas e Pastoraes) Folha avulsa 2 (1880), f. 01 - 2.v.

Jerónimo António da Silva. Chegou a esta freguesia no dia 7 de Dezembro, e foi recebida com demonstrações da maior alegria.

Principiou-se logo a cuidar da sua colocação, a qual só pôde ter lugar no dia 17 de Março (1844), e se fez da maneira seguinte. Tendo-se exposto a S. Imagem na capela de S. Fabião, que para isso se ornou com a decência possível; sendo ali benzida, dita a Missa no dia 16, se lhes rendeu o primeiro culto e adoração.

À noite, anunciarão os sinos a seguinte festividade, e iluminada a Igr.ja e Torre, hua Banda de música instrumental percorreu as ruas, por onde no dia seguinte devia ser conduzida a S. Imagem. Na manhã seguinte, apesar d'estar hum dia tormentoso e frigidíssimo, principiou logo a concorrer imensa gente de todas as povoações circunvizinhas.

A horas competentes, se deo princípio à função na Igr.ja Matriz, estava ella armada com todo o primor da arte.

Cantou a Missa o R.do José António Pereira Monteiro, cônego prebendado na Sé de Vizeu, finda a qual, se fizeram preces, segundo o Ritual Romano, (...) e dada a benção com o Santíssimo Sacramento, que esteve exposto a toda a função, se findou a solemnidade da manhã.

De tarde, havendo-se esperado todo o tempo, que se pôde pelo Orador, não apparecendo, se conduzirão em procissão as S.tas Imagens; não foi ella bem ordenada, como se havia disposto, porque o tempestuoso dia a nada dava lugar. Para ella se mandarão vir da Atalaia as alfaias necessárias. O R.do celebrante da Missa levou debaixo do Palio hu rico S.to Lenho, e acompanhado de música instrumental se conduzirão à Igr.ja, senão com a devida pompa, ao menos com a possível as duas devotíssimas Imagens do Senhor das Misericórdias e a Senhora da Boa Morte. Ob. Permita o Céu ellas viessem para proveito da Freguesia e Salvação das Almas!"

O Reverendo Abade conclui que “duas circunstâncias encurtarão a Função: - 1ª a muita neve-chuva-vento e frio daquelle dia. Mas esta hera irremediável; 2ª - a falta do Orador, esta foi ainda mais sensível.

Fizeram-se as possíveis deligencias, e por sua cauza se espaçou tanto a colocação. Estavão

ordenados dois Sermões, hu que se devia pregar em S. Fabião, antes de sahir a Procissão; outro na Igreja Matriz, depois de haver recolhido, falta que a todos deixou bem inconsoláveis!”

As despesas com a Imagem somaram ao todo 67#550 (réis). Em Braga pagou-se a quantia de 57#545, resultante da soma das seguintes parcelas:

<i>Escultura –incarnação – ferraje – polim.to</i>	<i>30#00</i>
<i>Cabeleira</i>	<i>1#680</i>
<i>10 covados de Nobreza para a Túnica</i>	<i>10#080</i>
<i>3 varas e meia de fita para a mesma</i>	<i>#455</i>
<i>Feitio e retros da me</i>	<i>#960</i>
<i>Amorim, nastros e feitio da camisa</i>	<i>#600</i>
<i>Corda d’Esparto</i>	<i>#480</i>
<i>Coroa de Espinhos</i>	<i>#800</i>
<i>Pintura da mesma</i>	<i>#160</i>
<i>Resplendor</i>	<i>1#200</i>
<i>Pina – Tarraxa e prego do dito</i>	<i>#125</i>
<i>Tábuas – pregos e feitio dos caixões</i>	<i>1#405</i>
<i>Condução</i>	<i>9#600</i>

Depois de ter vindo, isto é, já em Amoreira, ainda se gastou com a dita Imagem 10#005 (réis), quantia resultante da soma dos seguintes parcelas:

<i>Andor e duas cruzeiras, para o que hu devoto deo a madeira</i>	<i>2#800</i>
<i>Tintas e óleo para o mesmo</i>	<i>#520</i>
<i>Varias ferrajes p.a segurança no Andor e esferas (?)</i>	<i>2#025</i>
<i>Tafetá para a Túnica do uso a qual padou hu Devoto</i>	<i>4#060</i>
<i>Paninbo para cobrir o Andor</i>	<i>#600</i>

Ainda, segundo este mesmo relato, que temos vindo a apresentar, tanto em Braga como em casa, em Amoreira, “*se fizerão as possíveis diligências para que não houvesse extravijs*”. E o relator é da opinião que “*decerto que os não houve, antes todas as verbas devem parecer razoáveis, a não ser a da condução que foi exorbitante*”. E conclui que “*porém, as circunstâncias, e o ardente desejo de ver a S. Imagem obrigarão a dar o que pedido ao condutor*”.

Assim, “*na Quaresma de 1845, se fez, pela primeira vez () a Função dos S.tos Passos(). De manhã houve a Missa solene, acompanhada da Música. De tarde a Procissão do costume. Forão oradores o Abb.e José António Pereira Monteiro e o R.do Manoel António Leal; aquele pregou Pretório e Soledades; este Calvário e Oração do Enterro (do Senbor)*”.

Só no ano de 1846 mandou “*o devoto*” José Valério pintar os painéis dos S.tos Passos que custaram 32.630 réis. Nesse mesmo ano se mandou fazer um novo Pálio, “*galoardo d’ ouro falso*” e um Pendão, para os quais contribuíram a Confraria do Senhor com 40#000 e os Servidores do Rosário com 10.450 réis, fazendo um total de 50#450. E ainda neste mesmo ano se refez e pintou o Frontal do Altar-mor, tendo importado em 11#400.

Evidentemente, que, “*na Dominga de Palmas da Quaresma de 1846 se fez, pela 2ª vez a Função dos S.tos Passos, com a mesma Solemnidade e aparato de 1845. Forão os mesmos Oradores – o Abb.e J. A. P.M. e o R.do Manoel António Leal – este pregou Pretório – Encontro – Calvário e Oração Fúnebre – aquele Soledade.*”

O sucesso foi de tal ordem que, “*não sendo a Igreja suficiente para acomodar a muita gente que concorre às suas Funções, se resolverão a mandar fazer o Coro, o que se fez (ainda) no anno de 1846, de hu legado pio*”, tendo ficado em 31#200 (réis).

O próprio Abade José António Pereira, nesse mesmo ano, fez à sua Igreja doação de paramentos novos, no valor de 38#710.

No ano seguinte, madou-se “*dealbar*” a Igreja (Matriz), pintar os Serafins da Tribuna e a Imagem da Padroeira, tendo tudo isto importado em 9#400 (réis).

No respeitante às Capelas, no ano de 1847, “*se mandou pintar o Altar de S. Fabião, rebocar a capela e abrir as frestas – levantar o portado, e concertar o pavimento – dar*

nova ordem ao altar – vidros, e grade, nas frestas, o que tudo importou em 40#700". E assim, nesse mesmo ano de 1847, se pôde transladar o Senhor das Misericórdias, do altar de S. Bartolomeu para a capela de S. Fabião, "*o que se faz na tarde de Domingo, 3º de Agosto*".

Também no ano de 1847, "*se mandou encarnar a Imagem da gloriosa S.ta Bárbara e pintar o seu altar, que tudo importou em 4#200*".

No ano seguinte, em 1848, comprou-se um Crucifixo para o altar de S. Fabião, o que há custado 5#000. Neste mesmo ano, comprou-se para a mesma capela, que então e doravante se passou a chamar "*do Senhor das Misericórdias*", uma "*Planeta de Damasco branco e encarnado, com Bolsa de Corporaes*", que importara em 12#400 réis. E, no ano de 1849, "*se mandou bem fazer para a m.a capela hu caixão, para guarda dos Paramentos, o qual foi justo por 4#800*".

Assim, foi possível, nesse ano de 1849, celebrar os officios da *Semana Santa* com "*pompa e aparato, armando-se a Igr.a primorosamente*: executaram-se as famigeradas Músicas do célebre José Rodrigues; *houve immenso concurso de povo; fizeram-se lindas Procissões. Foram Oradores o R.do Joaquim António Simões e José António Per.a Mont.o, aquele pregou Mandato e Encontro, este pregou Paixão, Calvário e Soledade*".

Neste mesmo ano (1849), "*se mandarão vir duas Pedras d'Ara, que forão sagradas pelo Bispo de Viseu, e importarão, contando-se com a condução em 2\$600*" e ainda "*se comprarão quatro cordões d'Alva, a saber dois para a Igr.a Matris, e dois para a Cappella do Senhor das Misericórdias*" que hão importado em 1#920. E no ano de 1850, "*se comprou hum Missal já usado, mas em muito bom uso, para a capella do Senhor das Misericórdias, o qual custou 2#300*".

Termina o assento que temos vindo a utilizar e, muitas vezes, até a citar "*expressis verbis*"; no fol. 54. As folhas seguintes estão em branco. Curiosamente, a folha 73v. contem a seguinte declaração "*cortei a folha que se seguia a esta a qual tinha o N.º 74*". Assina o "*Abbe Monteiro*". A folha cortada, houvera sido uma folha escrita, pelo que ainda se pode observar na margem cortada e pelo facto de o conteúdo continuar, como que extravasando-se no seu final, na folha 74, onde

se pode ler, que se tratara, entre outras coisas, de uma certa obra, que importara em 27#895. Infelizmente, já não nos é dado saber o quê, nem quando se houvera efectuado.

Existe ainda na Paróquia de Amoreira, como já foi referido, um “*Livro de Contas da Fábrica menor*”, infelizmente, referente apenas aos anos intermediários entre 1814 a 1848. Contudo, o conteúdo deste é suficiente para que fiquemos a saber, que mais não seja, parcialmente, qual o papel desta “*Fábrica*”, na vida humano - espiritual desta Igreja. Ficámos, por exemplo, a saber que os seus rendimentos lhe advinham sobretudo⁶ das “*Covagens*” e das já acima referenciadas “*Amoreiras*”. Quanto às suas obrigações e deveres, constatámos que iam desde o “*comprar sabão*” para “*lavagem de roupas da Igreja e limpeza*” geral da mesma⁸, o “*telhar a Igreja e Sacristia*”⁹, o “*concerto das fechaduras*”¹⁰, o “*dealbar a torre*”¹¹, o “*concertar os sinos*”¹², o “*arranjo das pequenas coisas*”¹³, o “*compor e limpar o adro*”¹⁴, para o “*Vezitador*”¹⁵,

6 - Dizemos “*sobretudo*”, porque houvera decerto outros rendimentos, como nos anos de 1818-1822, se fala da venda de um “*bezerro*”, que rendeu 400 réis (f. 3v).

7 - Recebeu: em 1813, referente a anos e contas anteriores, aquando do Juiz da Igreja João Monteiro Currais, 1.200 réis; em 1814, sendo Juiz da Igreja José Gonçalves Lisboa, 400; em 1817, sendo Juiz da Igreja Manuel Monteiro, certamente do presente e anos anteriores, 1.100 “*de covagens das pessoas maiores*” e 600 “*de covagens de menores*”; de 1817 a 1822 renderam as “*covagens*” 850, “*mais*” 350 (de menores).

8 - Gastos de sabão, no ano 1814: 220 réis “*p. lavar a roupa da Igreja*”; nos anos 1814 - 1817, ... *despendeu mais p.a lavagem da roupa da Igreja nos ditos três annos...* - 1. 200⁸; nos anos 1818 a 1822 - 0.300; 1823: “*Para sabão da lavagem da Roupa - 200*”; 1824: “*...para sabão, e lavagem da roupa - 300*”; 1825: “*Arrátel e meio de Sabão p.a lavar a roupa - 240*”; 1826: “*Para sabão - 300*”; 1827: “*Para sabão - 210*”; 1827-1832: “*Despesas para sabão - 1200*”; 1832-1834: “*Despendeu p. a lavagem da roupa - 0480*”; 1834-1835: “*Mais p.a bu arrate de sabão - 0.140*”; 1836 a 1839: “*Mais para sabão - 0.410*”; 1839 a 1842: “*Despendeu para 4 arrátéis e meio de sabão - 810*”; 1842-1843: “*Fizem arrate de sabão - 0.200*”; 1843-1844: “*P.a sabão - 0.080*”; 1844 - 1848: “*Para sabão cada um Ano dois arrátéis, a cento e vinte...*”.

9 - No ano 1813 (referência a contas anteriores) “*despendeu para telhar a Igreja e telha que comprou - 4600*”; 1843-1844: “*P.a telhar a Sacristia - 0.160*”;

10 - 1818-1822: “*Concerto das fechaduras da sacristia - 100*”; 1842-1843: “*Fechadura e três chaves - 0.600*”; 1844-1848: “*...para uma chave e uma campainha...*”.

11 - 1834 - 1835: “*Mais p.a dealbar a Torre - 0.480*”;

12 - Nos anos de 1814 a 1817: “*Para concerto dos badalos dos sinos - 200*(réis)”; nos anos 1818 a 1822 - “*1.110*”; 1823: “*Para compositura do badalo do Sino*”; 1826: “*Para o sino - 100*”; 1827: “*Despendeu para concerto do sino - 240*”; 1827-1832: “*Para concerto dos sinos - 0160*”; 1832-1834: “*Para concerto dos sinos - 0.800*”; 1834-1835: “*Despendeu p.a limpeza do Adro, concerto do sino - 0360*”; 1834-1835: “*Mais p.a as cadeias do sino - 0.320*”; 1839 a 1842: 300 réis (“*P.a o sino*”).

13 - O arranjo (ou compra) da “*Caldreira da Agua Benta - 0.160*”; “*Despesas das cruces - 1.200*”; “*Mais para o ferreiro - 0120*”; “*Corrimão para o pulpito - 0800*”; “*Mais 2 Bancos, e concerto de outro - 1060*”; 1834-1835: “*Para uma lima - 0360*”; 1842-1843: “*Turneira do lavatório - 0300*”; 1843-1844: “*P. a concerto dos caixões - 0.040*”.

14 - 1823: “*Para compositura da parede do adro*”; 1827-1832: “*Para limpar o adro - 0080*”.

15 - 1825: “*Para o Vezitador - 600*”.

para os “*Santos Óleos*”¹⁶. O principal responsável pela “*Fábrica menor*” era o “*Juiz da Igreja*”, que, geralmente, por altura da Festa de S. João, prestava contas, ao Pároco, perante os vogais colaboradores, na então designada, “*Junta da Paróquia*”, o que não impedia que também tivessem de ser apresentadas ao Senhor Bispo (de Pinhel), directa ou indirectamente, isto é, através dos “*Vezitadores*”, por aquele designados, nas suas passagens em “*Vezita*” na paróquia de Amoreira¹⁷. Assim aconteceu, pelo menos até aos anos 50 do século XIX, sendo então Abade em Amoreira José António Pereira Monteiro, coadjuvado pelo Pároco, o Reverendo José António Narciso Leitão, pelo menos no, ou desde o ano de 1848¹⁸.

16 - Para administração dos Sacramentos do Baptismo e da (última) Santa Unção a seus fregueses, precisava-se dos “*Santos Óleos*”. Consequentemente, era obrigação do povo contribuir para os vasos sagrados e sua manutenção. Para o efeito, se gastou, nos anos intermediários de 1836 a 1839, o montante de 0.600 (réis). Nos anos de 1832 a 1842 gastara-se, para idêntico efeito, 400 réis (“*P. a condução dos S. tos Óleos...*”); 1844-1848: “*Para... Santos Óleos ... , soma tudo nove centos e sessenta*”.

17 - Cf. *Livro das Contas da Fábrica Menor*, f. 1v. (“*Tomei contas ao Juiz da Igreja João Monteiro Curnas que serviu no ano de 1813 ... Tomei contas ao Juiz da Igreja José Gonçalves Lisboa... servindo neste anno de 1814*”), f. 2 e 2v. (“*D. Bernardo Beltrão() Bispo de Pinhel ... Fazemos saber que sendo por Nós vezitada esta Igreja de Nossa Senhora da Conceição desta freguesia de Amoreira mandamos vir à Nossa presença este Livro das Contas da Fábrica Menor para lhas tomarmos... 13 de Junho 1814... Tomei Contas ao Juiz da Igreja Manoel Monteiro que tem servido três annos desde o S. João de 1814 atbe o São João de 1817... O Abbede José de Almeida Rebello*”), f. 3 (“*O Reverendo José de Almeida Rebello - Abbe desta Parochial Igreja de Nossa Senhora da Conceição desta freguesia de Amoreira, Arçipr.e , e Vezitador deste Arçipr.do pelo Excmo e Remo Snr. B. Bernardo Beltrão Bispo deste Bispado, etc. Fiaço saber que em acto de Vezitação tomei contas da Fábrica menor... desta dita freguesia, e achas que a mesma tinha de líquido a quantia de mil e duzentos réis, dos quaes dará conta o actual Juiz da Igreja ao futuro, e por esta minha sentença lhe aprovo as referidas contas ... 29 de Julho de 1817...*”), f. 3v. (“*Tomei contas ao Juiz da Igreja José Monteiro que tem servido desde 1816 atbe 1822 que são quatro annos...*”), f. 4 (“*Tomei contas ao Juiz da Igreja Thomas Monteiro que serviu desde o São João de 1822 atbe o São João de 1823...*”; *Tomei Contas ao ... Manuel Joaquim que serviu ... de 1823 atbe o São João de 1824...*”), f. 4v. (“*Tomei contas ao ... Joam Jorge que serviu desde ... 1824 atbe ... 1825...*”), f.5 (“*O Reverendo Manoel da Silva Bortalho, Arçipreste do Arçiprestado Aherca, e Vezitador do de Castello Mendo pelo Exceletissimo Senhor D. Bernardo Beltram Bispo de Pinhel... Fiaço saber que vezitando esta Igreja da freguesia da Amoreira... mandei vir perante mim este Livro das Contas da Fábrica menor para lhas tomar contas de sette annos, e pelas achar lançadas no Livro, e certas e fizar para a fábrica a quantia de oito centos réis as aprovo... Dado, e pastada nesta Aposentaria da Amoreira... aos quatorze dias do mês de Maio de 1825...; Tomei contas ao ... António Gonçalves... de 1825 atbe... 1826...*”), f.5v. (“*Tomei contas Tomei contas ao ... António (?) José Carpinteiro (?)... de 1825 atbe... 1826 - re-petição existente na fonte -...; Tomei contas ao ... Francisco do Couta... de 1826 atbe 27...*”), f. 6 (“*Tomei contas ao ... José Oliveira... de 1827 atbe 1832...; Tomei contas ao ... Manoel Oliveira... de 1832 atbe... 1834...*”), fol. 6v e fol. 7e 7v. (“*Tomei contas ao Joaquim... desde o São João de 1834... ao de 1835...*”; *Tomei contas ao José da Silva... desde... 1836 até... 1939...*”; *Tomei contas ao... José Monteiro... de 1833 atbe 1842...*; *Tomei contas ao... João da Fonseca... de 1842 atbe ... 1843...*”), e fol. 8 e 8v. (“*Tomei contas ao... Manoel Borges... de 1843 a 1844...*; *Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo aos trinta dias do Mês de Janeiro de 1848 em casa da residencia do R.do Parocho aonde se achavão reunidos os vogaes da Junta da Paroquia desta Freg.a aonde compareceo o Juiz da Igreja João Monto pra dar suas contas pelo ano económico de 1844 e 1845 e 1846 e 1847 atbe ao dia 3º de Janr.o de 1848 pela forma seg.te: Recebi de líquido arrazgado do Juiz Snr. Manoel Borges junto com as covagens e rendas das Amoreiras cinco mil sete centos e trinta - 5.730.*

Depozes

Para Sabão cada ano dois arrateis a cento e vynte... Abatido da Receita nye de líquido pra a Fábrica seg.te três mil, oito centos e dez - 3.810 - e por esta forma (houverão estas contas por tomadas q. assignarão comungo José Thomas M.ro o Preside e Parocho José Ant. Narciso Leitão, Francisco Monteiro José António da Vonsca, João de Mont.ro, O Secretário J.e Thomas Mont.ro”).

18 - Cf. *Livro das Contas da Fábrica Menor*, fol. 8 e 8v. (1848); *Livro de Vezitas e Pastoraes* I, f. 203 (1849), f. 204v. (1850), f. 206 (1850).

Fontes e Bibliografia (Estudos)

Estatutos da Irmandade (e Confraria) de São Bartolomeu da Paróquia da Amoreira (Castelo Mendo) de 1701/2 (1640). Ed. de Carlos BERRINCHA, Coleção Politécnico da Guarda, 4. IPG, 2003.

Inventário dos Bens e mais Alfaias da Igreja da Amoreira ("Inventário, que se mandou fazer dos Móveis desta Igreja de Santa Maria de Moreira, anexa de Santa Maria Mayor da V.ª de Castelo Mendo Bispado de Vizeu"), 1751-1850.

Livro de Contas da Confraria do Senhor (S.S. Sacramento), 1803 – 1851.

Livro de Obras e Empreitadas, 1835-1851.

Livro de Vexitas e Pastoraes da Amoreira I, Parte 1 (f.1/2 - 150^v), 1753 – 1817; Parte 2 (f.151- 208^v), 1817- 1850; II (f. 01/11-85^v), 1803- 1829; III (f. 01/31-72^v), 1822/26 –1838; *Folha avulsa 1* (f. 01 – 2r), 1851; *Folha avulsa 2* (f. 01 – 2r), 1880.

Livro p.a as Contas da Fabrica menor de Amoreira, 1814-1848.

19 - Cf. f. 150 ("Tem este Livro cento e cincoenta meias folhas de papel q. todas vão rubricadas com o meu sobrenome Neves, de q. fis este ter.o Freixo em Vexita de 22 de Fev.ro de 1753").

20 - Cf. f. 151 ("Por achar este Livro com munto pouco papel para nelle se descreverem as Pastoraes dos Ex.c.mos Snr.es Bispos, ou Ordens dos seus Provizores, lhe fis o acresceto de mais quarenta(?) meias folhas de papel que todas vão numeradas, e rubricadas com o meu apelido = Almeida Rebello (Ass.) de que uso. Fi para constar faço esta declaração. Em Vexita de 10 de Agosto de 1817") e f. 208 ("Tinha este livro segundo seu termo retro = 150 = meias folhas de papel = E agora com o acresceto que lhe fis, vem a ter = 208 = meias folhas de papel que todas se acham numeradas, e rubricadas pellois seus respectivos Vexitadores. Amoreira 10 de Agosto de 1817. O Vexitador Jose de Almeida Rebello").

21 - Cf. f. 40v. ("Este Livro q'ade servir para as Vexitaçoens, da Freguezia de Nossa Senhora da Conceição do Lugar d'Amoreira tr.o de Castello Mendo tem quarenta folhas, cujas numerei, e rubriquei com o meu apelido de = Fanado = por comissam do R.mo Snr. D.or José Diogo Martins Vigario Geral, e Provizor deste Bispado, e para constar fis este termo de inçarramento que aSigno Em Pe Thomé Jacinto Fanado natural do Lugar das Freixedas Notario Ap.co que o escrevy. Pinhel 10 de Junho de 1803. O Pe Thomé Jacinto Fanado) e f. 41 ("Por se achar este Livro com pouco papel para continuar nas copias, das Pastoraes, fis este novo acresceto de papel que vai numerado, e rubricado com o meu apelido de Almeida Rebello (Ass.), Signal de que uso. Fi para constar faço esta declaração que aSigno. O Arcipreste Jose de Almeida Rebello").

22 - Cf. f. 72 ("Tem este Livro com acresceto que lhe meti setenta e duas meias folhas de papel e de folhas 40 = athe 72 = Em enumerei, rubriquei com o meu apelido = Almeida Rebello (Ass.). E para constar fis este termo. Amoreira, 3 de Fevereiro de 1826. O Arcipreste Jose de Almeida Rebello").